



COISAS ASIÁTICO-VIRAIS

ROSANA PEREIRA DE FREITAS

Universidade Federal do Rio de Janeiro/curadoriafreitas@eba.ufrj.br

Vem a público no ano de 1890, em Londres, na forma de uma pequena enciclopédia, editada em volume único, a primeira versão de “Things Japanese”. São muitas e de distintas naturezas as tais “coisas japonesas” descritas pelo pioneiro japonólogo britânico, responsável pelas primeiras traduções de haiku para o inglês, Basil Hall Chamberlain. E não são apenas coisas, nem exclusivamente adjetivos ou seus adjuntos, como descreve a enciclopédia chinesa de Borges. A disparidade aqui não está no caráter heterodoxo do elenco - John Wilkins, o britânico eleito por Borges a quem atribuir as considerações taxonômicas que intitulam o conto, e o sinólogo alemão Franz Kuhn, a quem ele recorre para aumentar os índices de credibilidade de seu “Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos”, ambos chamados para reforçar a tese de que toda classificação é circunstancial e arbitrária -, mas ao fato de que os itens estudados nem sempre são “coisas”. A despeito do título, não estamos diante de um elenco circunscrito a objetos, exceto se epistemológicos. “Ábaco” e “abdicação” são verbetes que aparecem lado a lado, assim como “acupuntura” e “Adams (Will)”, de quem temos notícia por ser o primeiro inglês a residir no Japão. Adoção, Agricultura, Ainos, Arqueologia, Arquitetura, Armaduras, Arte e Aniversários completam as entradas da letra “A”, deixando claro a amplitude e o tipo de “coisas” tratadas. Mais de cem anos irão se passar até que o “China Travel & Tourism Press” estampe o título sínico equivalente, “Things Chinese”, de 1994. Uma versão fartamente ilustrada, como os guias de turismo atuais, supostamente inspirado por uma amiga estrangeira dos autores (Du Feibao e Du Bai) em viagem à China, em resposta a sua curiosidade em relação à cultura chinesa. Aos dois títulos acrescentamos um terceiro, publicado já nesse século, em 2001, o “Dictionnaire Amoureux” de Jean-Claude Carrière, no qual o autor converte sua capacidade de síntese para transformar os anos vividos na Índia em verbetes que oferecem uma síntese lúcida e apaixonada do subcontinente. Diante das recentes declarações na imprensa de que estaríamos sendo vítimas de um vírus chinês [sic.], propomos uma reflexão sobre alguns itens relacionados ao cotidiano e à estética asiática que curiosamente passaram a fazer parte do nosso cotidiano: o genkan (espaço nipônico destinado a retirar os sapatos), a água (as abluções rituais), o quimono, o chá. Verbetes de um elenco de “coisas” asiáticas que “viralizaram” nos tempos recentes.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Termos 2. Arte Asiática 3. Diálogos culturais 4. Literatura de Viagem



PERGUNTAS-CHAVE:

1. Os questionamentos ao paradigma científico realizados durante a pandemia teriam impactado a produção de conhecimento na área de História da Arte? Literatura de viagem pode ajudar a pensar arte, ou a que serve a forma-verbete? É possível comparar a circulação artística à circulação viral, ou melhor: o neologismo “viralizar” pode ser útil às análises artístico-culturais?



REVISTA TIME: 19 de outubro, 2020.
Impressão offset. Time Inc. 20,2 X 26,6 cm.
Fonte: time.com.